

PARA UMA CRÍTICA LATINO-AMERICANA

*Cecília Zokner**

A literatura latino-americana se faz hoje sob o signo das transformações. A conquista do espaço, o desgaste das figuras carismáticas, a desintegração das ideologias acontecem e mudam o destino dos povos. Para muitos, é chegado o momento de auto-conhecimento, de auto-afirmação. Para muitos é chegado o momento de ruptura. Com raras exceções, a literatura é disso testemunha e/ou arauto.

*Professora de Literatura Latino-Americana e colunista do Jornal *O Estado do Paraná* (Curitiba).

O escritor, ao adotar posições que rompem ideologicamente com os valores tradicionais de sua classe e ao assumir o seu povo, as suas vozes, os seu destino; o texto, ao se constituir testemunho formal dessa ruptura deixando de repetir a linguagem dos colonizadores para ser um conjunto de significações desse povo mestiço, dessas vozes abafadas, desse destino que ele talvez ajude a mudar; o leitor, ao procurar na ficção “antes de mais nada, a sua imagem (...), novas razões para crer naquilo que ele crê, de amar o que ele ama.”¹

Literatura de ruptura que não pode ser tratada, estudada, criticada como um mero texto hedonístico. Uma aproximação, um estudo, uma crítica que procure o sentido do texto e o sentido deste mundo que se plasma no seu interior e ao seu redor deverá antes de mais nada ser coerente com um *corpus* que embora prene de conquistas estilísticas carrega, sobretudo, uma imensa sinfonia de gritos e de apelos, de realidades e fantasmagorias que se entrelaçam e procuram levar ao sentido do homem americano, de seu território. Que procuram levar a uma reconquista.

Medir este *corpus* por parâmetros forâneos, elaborados para julgar a literatura dos países industrializados, é optar por uma “autocolonização” (feliz expressão de Mario Benedetti ao classificar as “óbvias” exceções da Literatura Latino-Americana: escritores que se autocolonizam),² num contexto e num momento em que tudo leva à conscientização de que uma Literatura faz nascer a sua própria crítica.

Conforme a colocação de Joseph Bya,³ entendemos por crítica a mediação entre o texto e a leitura. Mediação cujo estatuto é orientar a leitura, facilitá-la ou “enriquecê-la”, e que é realizada por leitores que não se contentam com o ato da leitura, mas fazem deste ato profissão e missão de fazer conhecer aos outros o que eles chamam o “sentido” e o “valor” desta prática.⁴

Estas “opiniões” e “julgamentos dirigentes”, ou seja, este “discurso” formulado pelo crítico e/ou pelo professor universitário (profissão, missão) constituem um mecanismo de “organização, de aceleração, orientação do sentido”⁵ dirigido a um mercado de leitores.

¹ DOUDAN, X. citado por GRIVEL, Charles. *Production de l'intérêt romanesque*. Paris, Mouton, 1973, p. 37.

² BENEDETTI, Mário. Temas y problemas. In: FERNADEZ MORENO, César. Coord. *América Latina en su Literatura. México, Siglo XXI*, 1972, p. 354-71.

³ BYA, Joseph. Entre texte et lecture. *La nouvelle critique*, Paris, n. 39 bis, p. 111-115, avr. 1970.

⁴ Ibid.

⁵ Ibid.

Como, porém, assim como não existe “leitura total” não existe “leitura inocente”, todo aquele que se aproxima do texto – o estudante de Literatura ou o leitor virtual – também pode (deve) ter a “sua palavra de explicação”, cuja gênese esteja, precisamente, na sua própria aproximação do texto.

Usaremos, então, num sentido muito amplo, o termo crítica para designar o discurso crítico do mediador formal (crítico, professor universitário) e de todo aquele que se aproxima do texto (estudante, leitor).

No intuito de simplificar, o que *de per se* afasta a preocupação em discutir a precisão ou imprecisão do termo,⁶ o epíteto usado para qualificar Literatura Latino-Americana designa a literatura dos países situados geograficamente ao sul do Rio Grande, sem por isto entendermos como *uma* uma literatura cujos porta-vozes pertencem a 21 países,⁷ que embora tenham um passado onde a violência, a destruição, a injustiça, a discriminação se igualam à discriminação, à injustiça, à violência do presente, possuem, também, contextos geográficos, raciais, econômicos, étnicos, políticos, culturais e ideológicos próprios e que fazem de cada país uma realidade diferente.⁸

Sobretudo, quer designar uma literatura que, salvo “as muito óbvias exceções”, é um texto de denúncia e de reflexão, e cuja característica principal tanto pode ser a de constituir-se na “praxis social de determinadas elites”⁹ como a de ter consciência de pertencer a um *continente desesperadamente esperançado*¹⁰ cujo denominador comum pode ser a fome, o analfabetismo, a violência, a opressão.

Sendo a crítica, num sentido amplo, a mediação entre o texto e a leitura, e sendo a Literatura Latino-Americana a expressão literária de po-

⁶ Sobre a propriedade ou não do termo, ver ROMANO, Ruggiero. *Mecanismos da conquistista colonial: os conquistadores*. São Paulo, Perspectiva. 1973, p. 123. FERNANDEZ MORENO, César. Introducción. In: *América Latina en su Literatura*. México, Siglo XXI, 1974, p. 5-18. Ver, também, José Luis Martínez, mesma obra, nota 1, p. 73.

⁷ “La actual realidad de América Latina es algo más compleja que el simple esquema que subsistía hasta mediados del siglo. El conjunto original de veintiún países subsiste (Argentina, Bolivia, Brasil, Colombia, Costa Rica, Cuba, Chile, República Dominicana, Ecuador, Guatemala, Haití, Honduras, México, Nicaragua, Panamá, Paraguay, Peru, Puerto Rico, El Salvador, Uruguay y Venezuela). Sin embargo, Puerto Rico es un Estado Libre Asociado a los Estados Unidos y los puertorriqueños tienen la ciudadanía estadounidense. Después de 1960 se han creado nuevos países Jamaica, Barbados, Trinidad y Tobago, y Guyana de lengua inglesa predominante, que forman parte del British Commonwealth of Nations.” MARTINEZ, José Luiz. *Unidad y diversidad*. In: FERNANDEZ MORENO, Cesar. Introducción. In: *América Latina en su Literatura*. México, Siglo XXI, 1974. p. 73, nota 1.

⁸ Ver BENEDETTI, Mario, p. 355.

⁹ LOSADA, Alejandro. Os sistemas literários como instituições sociais na América Latina. *Contexto*. São Paulo, n. 2, p. 39, março 1977.

¹⁰ BENEDETTI, Mario, p. 367.

vos diferentes mas que se ligam estreitamente por estranhos paralelismos, por crítica latino-americana poderíamos considerar a aproximação das obras latino-americanas nada coerente com o texto estudado e vinculada ao contexto no qual a partir de uma visão latino-americana que fosse antes de mais este texto teve a sua gênese. O que pode ser perfeitamente factível desde que sejam considerados os obstáculos que impedem, também nesta área, que as atividades dos povos latino-americanos se desenvolvam de forma autêntica e absoluta.

Na verdade, os obstáculos para o estudo da Literatura Latino-Americana têm a sua origem num estado de coisas que é comum a toda a América Latina: a permanência de um certo espírito que aportou aqui nos tempos da colônia (“violência, injustiça, hipocrisia caracterizam a conquista”)¹¹, permaneceu sem nuances e que, é evidente, comanda muitas vezes as atividades culturais. Assim, os países latino-americanos voltam-se para a metrópole – qualquer que seja ela –, e não pensam em se comunicar com os países que no mesmo continente possuem realidades semelhantes, para não dizer iguais, estabelecendo, como já o disse, entre outros, César Fernandez Moreno,¹² a tradicional falta de comunicação entre os países que falam o espanhol e o Brasil.¹³ Nem sempre (para não dizer raramente) alguém e além da barreira lingüística ou de fronteira se tem conhecimento do que se passa do outro lado.

Assim, embora existam as chamadas ilhas de desenvolvimento – que se querem iguais aos países desenvolvidos, como a própria expressão sugere –, estas ilhas representam fenômenos isolados dentro de um vasto contexto. Isolamento cujo ônus não é resgatado por esse desenvolvimento parcial.

É, então, esse espírito de colônia que faz com que as dificuldades para o estudo da Literatura Latino-Americana comecem já no que poderíamos chamar de infra-estrutura: as condições de trabalho, o material de trabalho. As bibliotecas, mesmo as universitárias, não possuem, em sua grande maioria, o material necessário (o próprio texto ou textos críticos, às vezes sequer os clássicos latino-americanos. E não se mencionem os periódicos...). Quanto ao empréstimo interbibliotecas ou entre bibliotecas de países diferentes (a despeito das novas possibilidades proporcionadas pela Internet), no momento significa apenas uma utopia. Como tampouco as livrarias, por não disporem de material, possibilitam uma aquisição imediata. Como a importação direta (interessado/livreiro), embora possível, é de uma lentidão

¹¹ ROMANO, Ruggiero, p. 12.

¹² FERNANDEZ MORENO, César, p. 17.

¹³ Apesar das tentativas de integração do Mercosul.

exasperante e cheia de entraves (diríamos burocráticos), como as informações editoriais são insuficientes, continua-se a ler e a estudar aqueles autores que, por uma razão ou outra, são “lançados” pelos países cuja estrutura editorial seja economicamente independente. Os outros, aqueles que por determinadas causas não são ou não devem ser comerciáveis, ou ainda, cujas obras aparecem em edições limitadas ou em periódicos de vida transitória, esses dificilmente, ou ocasionalmente, são conhecidos, já não diríamos do grande público, mas do próprio estudioso.

O desconhecimento do que se realiza nos demais países latino-americanos no que se refere aos textos de criação e/ou de crítica, a dificuldade de isolamento em que se mantêm, de estabelecer um intercâmbio duradouro com eles e, ao invés, a possibilidade de receber material bibliográfico e periódicos dos países industrializados, assim como auxílio que possibilite uma especialização nesses países e um contato direto com sua cultura, fazem com que a metodologia, também na área de letras, seja importada dos países industrializados. E com o mesmo entusiasmo como foram importados no passado o trigo, a cevada, a laranja, o limão, o pêsego, as ovelhas, as cabras, ou como são importadas no presente as formas de pensar e de viver dos americanos do Norte.¹⁴ E da mesma forma foram importados nos tempos da colônia os princípios urbanísticos, administrativos, políticos e econômicos sem que uma atitude crítica fosse despertada para valorar a conveniência em adotar uma estrutura que, válida ou não para o velho mundo, jamais significou que o fosse também para o continente americano, em tudo diferente da metrópole.¹⁵

Hoje, a importação de uma metodologia crítica originada de países que têm já resolvidos os seus problemas fundamentais significa, ainda e mais uma vez, prestar-se à dependência de esquemas culturais alienígenas e alienantes, uma vez mais prestar-se à autocolonização. Uma opção que, diante dos textos latino-americanos, passa a se constituir não só, apenas uma atividade lúdica (seria a mediação certa para o texto de combate, para o texto de denúncia?), mas, sobretudo, passividade diante de um sistema de submissão cultural que a realidade do continente americano não mais justifica.

Na verdade, uma Literatura que possui, entre outros, textos como as primeiras páginas de *La casa verde*,¹⁶ ou de *Exodus*, *En la casa nueva*, *La máquina*, *Hasta que el 3 de marzo de 1962*,¹⁷ deve ser estudada mais além da palavra da frase ou da estrutura interna.

¹⁴ ROMANO, Ruggiero, p. 51.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ VARGAS. LLOSA, Mario.

¹⁷ Respectivamente capítulos de *Hijo de hombre* de Augusto Roa Bastos (Buenos Aires, Losada, 1971, p. 79-116), de *El señor presidente* de Miguel Antel Asturias (Buenos

É evidente que podem existir diversas leituras de um texto. Até mesmo pode existir a tentativa utópica de uma leitura total, uma leitura que examinasse a gênese da obra, o contexto histórico social e político em que foi elaborada, a receptividade ou não do leitor, e sob os diferentes modelos propostos hoje para abordagem de texto. Mas é evidente, também, que paralelamente a estas leituras deve haver a consciência da relação que existe entre uma obra de arte, no caso a literária, e a realidade de cada país. Assim, a mediação (crítica formal, trabalhos de pesquisa universitária, aproximação do texto) lúcida, coerente, deve ser antes de mais nada responsável. Perante o próprio autor do texto estudado, ele mesmo comprometido humanitariamente, perante o povo latino-americano, perante a própria ação individual.

Uma das constantes da Literatura Latino-Americana é, por exemplo, um determinado vocabulário sócio-hierárquico visivelmente dicotômico (os detentores de privilégios/os não privilegiados), indicador de uma estrutura social dividida em classes antagônicas.¹⁸ Antagônicas no sentido de levarem modos de vida (no que há de mais elementar: alimentação, vestuário, moradia) totalmente diversos, e não obrigatoriamente quanto à existência de uma tensão, o que não significa que não existam textos em que esta tensão esteja evidente, como é o caso de certos capítulos de *Hijo de hombre* e de *Redoble por Rancas*.

A partir desse vocabulário sócio-hierárquico explícito, ou de um vocabulário que determine implicitamente a condição dos personagens, teremos esboçada a dicotomia de classes. Se considerarmos, por exemplo, determinados temas, e se os relacionarmos com esse vocabulário sócio-hierárquico, teremos deliada também uma zona de tensão, que pode ser ignorada pelos personagens (assim como é ignorada pelo homem que ele representa), mas que significa um aspecto da realidade que consciente ou inconscientemente, é aceita como parte do universo pelo escritor latino-americano.

Aires, Losada, 1968, p. 99-100), de *La canción de nosotros* de Eduardo Galeano (Buenos Aires, Sudamericana, 1975, p. 9, 93-100, 109-113, 123-125), *História de Garabombo el invisible* de Manuel Scorza (Barcelona, Planeta, 1972, p. 284-325).

¹⁸ Ver por exemplo: FUENTES, Carlos. *Las buenas conciencias*. México. Fondo de cultura económica, 1959, p. 31: "la hija de un don nadie", "No es natural que dos muchachos de clases tan distintas anden juntos todo el tiempo" (p. 109), "¿Te fijas – exclamó Jaime cuando un trabajador pasó y los saludó y palmeó el hombro del joven Ceballos – ya somos iguales", (p. 121). ROA BASTOS, Augusto, p. 146: "hay paquetes y descalzos solamente", "gente de segundo pelo" (p. 165). "Típico aire de superioridad de los de arriba" (p. 164).

Tomemos quatro temas para relacionar com o vocabulário sócio-hierárquico de *Macario*,¹⁹ *Hijo de hombre*,²⁰ *Guillermo*²¹ e *El Iluminado*:²² o trabalho, a fome, a terra, a vida, o saber.

Em *Macario*, o vocabulário sócio-hierárquico não aparece explícito, e a dicotomia se traduz: patroa/criado. A patroa cuja autoridade é ilimitada e o criado que lhe é totalmente submisso e dependente. Autoridade e submissão que se delineiam pelos traços sócio-hierárquicos e pelos verbos que marcam o relacionamento entre ambos. A patroa tem o sono assegurado ao mandar o criado matar as rãs que a impedem de dormir. É ela que detém o poder econômico: tem dinheiro, propriedade, porcos. É ela também a dona da verdade. Aquela que manda, reparte a comida, proíbe, ameaça.

O criado dorme sobre os *costales*, com frio no inverno, num quarto povoado por percevejos, baratas, grilos, escorpiões. Não tem liberdade, come o que lhe é dado, possui de si a imagem que lhe transmite a patroa. Varre a rua, dá de comer aos porcos, lava os trastes, acende o fogo (eventualmente mata as rãs), acredita, sente-se agradecido pela comida que recebe. Entre os dois, eternizando a situação de dependência, a fome: *no me lleno nunca* (p. 26), *no me lleno por más que coma todo lo que me den* (p. 126), *jamás se me acaba el hambre* (p. 126), *no se me acaba el hambre* (p. 129). Uma fome que faz do criado um marginal (*Dicen en la calle que estoy loco porque jamás se me acaba el hambre* – p. 126) que procura saciá-la da maneira que está a seu alcance: comendo o milho seco e o grão-de-bico destinado aos porcos, comendo flores, sapos; bebendo leite de cabra, de burra, da Felipa, o que para ele é ainda o menor dos males: o pouco que recebe, o pouco que obtém por seus próprios meios. *Y mientras encuentre de comer aquí en esta casa aquí me quedaré* (p. 129). Isto é, acreditando na patroa (*ella nunca anda con mentiras* – p. 126), nos seus tratos (*mi madrina me trata bien* – p. 126), na sua compreensão (*ella ya sabe con cuánta hambre ando desde que me amenece hasta que me anochece* – p. 129), nas suas ameaças (*y entonces le pedirá, a alguno de toda la hilera de santos que tiene en su cuarto, que mande a los diablos por mí, para que me lleven a rastras a la condenación eterna* – p. 130), e sem condições para compreender a verdadeira situação.

Em *Hijo de hombre* a palavra *tierra* aparece 75 vezes. Sintaticamente como sujeito e como complemento. Sujeito dos verbos *cair*, *comer*,

¹⁹ RULFO, Juan. *El llano en llamas*. Barcelona, Planeta, s.d. p. 125-130.

²⁰ ROA BASTOS, Augusto. *Hijo de hombre*. Buenos Aires. Losada, 1971, p.

²¹ MIGNONA, Eduardo. *Crisis*, Buenos Aires, n. 36, p. 17 abr. 1976.

²² SUÁREZ, Gastón. In: NARRADORES bolivianos. Caracas, Monte Avila, 1969, p. 256.

tragar, o complemento desses verbos é o termo *hombre*. Complemento direto, *tierra* segue os predicados *atar, defender, demandar, echar, escupir, golpear, luchar, matar, oler, raspar, sentir, tirar*. Então o sujeito é *hombre* (s). Antecedida da preposição *de* a palavra *tierra* funciona como complemento nominal e como complemento adjetival. No primeiro caso completando *máscara* (=rosto), *cara, mano, pies, capa, corazón, andén, piso, aliento*, isto é, termos que se relacionam, ainda que, indiretamente, com homem. Como complemento adjetival completa, por exemplo, *heridos enlodados, cadaver sucio, barba sucia, dientes llenos, carita empastada*.

Quanto às denominações sócio-hierárquicas, foram indexados cerca de cem termos, que formam os seguintes eixos semânticos: A - representantes da igreja, B - militares, C - proprietários, D - trabalhadores, E - marginais, que de acordo com o esquema de Ulrich Ricken²³ vão constituir a dicotomia A,B,C/D,E. Como subeixos semânticos e formando uma nova dicotomia cuja relação é opressor/oprimido aparecem, por exemplo: *A' máxima auroridad del pueblo, poder implacable, poder constituido / temor casi mítico, embretados en una trampa sin salida, levantarlos a punta de látigo*.

As relações *tierra/hombre* delineadas pelas funções sintáticas evidenciam que *tierra* exerce um domínio sobre o homem que se engloba nos grupos sócio-hierárquicos D,E. Assim, são os *mensues, agrarios, mendigos, chiperas*, por exemplo, os que são envolvidos pela *tierra*, num contato físico que vai do inconsequente (*pies, manos, ojos, dientes*) ao terrível (“la tierra subía en oleadas y amenazaba tragarlos” – p. 206, “cadaver menos sucio de tierra y sangre” – p. 218). Os mesmos que os traços sócio-hierárquicos descrevem como subalimentados e mal vestidos, sem casa e sem chão, cujas esperanças e cujas lutas se concentram num pedaço de terra que passa então a simbolizar, também, pão e liberdade. Ainda os mesmos que, transformados por um poder no qual não crêem, em soldados defensores da pátria, ao lutar por ela serão aniquilados, destruídos por uma terra estranha, deserta, inexpugnável (Chaco), e por motivos que desconhecem (os interesses estrangeiros nas ricas terras da América).

Assim, os grupos A, B, C, detentores dos poderes tradicionais, elementos de opressão, mantêm-se afastados da terra, ainda que dela tenham a posse.

Em *Guillermo*, conto do argentino Eduardo Mignona, o patrão, o juiz, o padre, o escrivão, os peões tristes na noites festivas são figuras esfumadas

²³ RICKEN, Ulrich. La description littéraire des structures sociales: essai d'une approche sémantique. *Littérature*, Paris, n. p. 53-62, dec. 1971.

diante de uma relação sócio-hierárquica em que a dicotomia *peón de pala* (negro, solo, trabalhador dos confins da estância, possuindo de seu apenas “tierras en las patas” e um copo de vinho para festejar o natal)/*filho do patrão* (bêbado, desconfiado, mentiroso) quer dizer muito mais do que simplesmente um antagonismo de classe: privilegiado/não privilegiado, opressor/oprimido. Trata-se de uma dicotomia em que um dos elementos se arvoira num deus todo poderoso, dispõe da vida do outro em questão de segundos, por capricho: “Jaimito lo miró: tan desgraciado, tan solo, ‘un bicho’, pensó Jaimito. ‘Un bicho que la soledad puede volver feroz.’ ‘Y pensó’: Para vivir así, más le vale no vivir.’ Peló el arma y lo buscó en el aire con la punta del fierro” (p. 17). O outro, “que no había estado en el mundo para andarse con delaciones”, diante do juiz, do escrivão, do patrão, do padre (jamais tanta e tão seleta assistência) só aproveitou para demonstrar que a peonada não era tão estúpida, que se ele tinha vivido assim, como um bicho, era por questão de sorte. E depois, “es raro que un pobre diablo no sepa agradecer un favor.”

Em *El iluminado*, a dicotomia se apresenta de uma forma especial não somente pela relação hierárquica – o adulto que está sendo alfabetizado (cheio de temores, de dúvidas)/o alfabetizador (interrogações), mas pelo fato de ser a única relação dicotômica em que há uma dinâmica: um dos elementos à medida em que vence as dificuldades vai-se aproximando do outro elemento: “se iba volviendo su semejante” (p. 181). A aspiração de um (aprender a ler), o auxílio do outro (ensinar), na verdade, ultrapassam o objetivo imediato, alfabetização, para penetrar na zona sócio-hierárquica: “Le faltaba trepar todavía, pero ya entreveía el instante de darle la mano, hombre a hombre” (p. 181). Este crescimento, esta *humanização* acontece quando finalmente sai a voz da leitura, “lavada de sombras” (p. 182). Alfabetizado, sabe que “el otro se había convertido en su prójimo” (p. 182), numa conscientização sadia e que rara vez se encontra nos textos latino-americanos.

O fato de termos adotado, neste momento, um determinado conceito de crítica e um determinado conceito de Literatura Latino-Americana, e ao apresentarmos sob um determinado aspecto textos da Literatura contemporânea, não significa uma opção definitiva, mas, ao contrário, uma etapa de trabalho, de reflexão; sobre a posição humanitária do escritor latino-americano e o contexto que muitas vezes condiciona a gênese do texto. Reflexão sobre a sociedade latino-americana que se encontra articulada de forma dependente às sociedades industrializadas e, principalmente, sobre a maneira de formular uma aproximação da Literatura Latino-Americana que seja coerente com o nosso meio, nossas necessidades, nossa forma especial de desenvolvimento, nossas aspirações, nossa própria valoração.